

## O sacrifício dos circuncisos\*

Deana Barroqueiro\*\*

Jacob passara a chamar-se Israel, após a sua fuga das terras de Labão, quando tivera de lutar uma noite inteira com um ser misterioso, nas margens do rio Jordão. Ao terminar a luta, embora se tivesse recusado a desvendar o seu próprio nome, o adversário dissera-lhe: “O teu nome não será mais Jacob, mas Israel, porque combateste contra um ser celeste e permaneceste forte” e abençoara-o.

O filho de Isaac deu graças ao Senhor e chamou àquele lugar, Peniel – “A Face de Deus” –, pois não tivera dúvidas de que vira um ser divino face a face e, apesar disso, lograra conservar a vida, saindo da contenda sem mais danos do que uma coxa deslocada. Estava igualmente convencido de que a bênção do estranho ser o protegera, pois o encontro com Esaú, poucas horas mais tarde, tinha sido de grande cordialidade, como se o irmão se tivesse esquecido dos agravos passados ou lhos tivesse perdoado e já não houvesse no seu coração lugar para o rancor e os desejos de vingança.

Mesmo assim, preferindo jogar pelo seguro, Israel abandonara a região de Harran com as duas enormes caravanas dos seus bens, percorrendo um longo caminho até penetrar na região de Siquou, junto ao monte de Garizim, no país de Canaã, onde decidiu montar o seu acampamento à entrada da cidade de Salém, na margem esquerda do rio Jordão.

Adquiriu por cem moedas, aos filhos de Hamor – o heveu governador do país –, o rincão de terreno onde levantou as suas tendas, para aí se estabelecer com as esposas Lia e Raquel, as concubinas Bilha e Zilpa, os onze filhos e todos os servos e servas que comprara, assim como os homens e mulheres livres que se tinham unido à sua família.

O arraial das tendas era como uma aldeia populosa, onde as famílias se instalaram, esperançosas de aí viverem melhores dias do que nas terras de Labão. Ajudado pelos filhos mais velhos e pelos homens principais da sua casa, Jacob ergueu um altar a El-Chadai, o Deus do seu pai e do avô, ungiu-o com óleos, deu-lhe o nome de “O Senhor é o Deus de Israel” e, por último, sacrificou-lhe um bezerro e dois carneiros dos mais gordos do seu rebanho, para que o Altíssimo lhes desse protecção e os fizesse ser bem aceites das populações do lugar.

Alguns dias mais tarde, Dina, a filha que Lia dera a Jacob, saiu do acampamento e dirigiu-se ao rio, para travar conhecimento com as moças da terra. A donzela herdara o corpo perfeito da mãe e, por um estranho acaso ou porque, no momento de fecundar Lia, Jacob estivesse com o pensamento e a alma postos em Raquel, em vez da fealdade da mãe, fora abençoada com um rosto formosíssimo tão semelhante ao da tia, como uma gota de água se parece com outra. Até a sua longa e negra cabeleira tinha essa mesma macieza e brilho de seda da crina de um cavalo selvagem, que tornara Raquel tão celebrada na juventude por todos os cantores das festas da tosquia dos rebanhos.

Siquém, o filho primogénito de Hamor, andava à caça com dois criados e viu-a a atravessar o bosque. Jovem e impetuoso, habituado a satisfazer todos os seus caprichos, acendeu-se em desejos pela moça e, fazendo sinal aos companheiros para o seguirem, lançou-se em perseguição da gentil presa, com os mesmos cuidados com que se acercaria de uma gazela, antes de desferir a mortífera seta.

Quando Dina se apercebeu do perigo, ao ver um homem a espreitá-la por entre as árvores, já era demasiado tarde. Estava cercada! Com o coração a bater desatinado, tentou voltar para trás, à segurança do acampamento do pai, porém outro homem armado barrava-lhe o caminho por esse lado. Correu em direcção ao rio onde avistara pouco antes algumas mulheres a lavarem roupa e foi cair nos braços de Siquém que se cerraram à sua volta como um laço de armadilha. Dina rogou-lhe, sem gritar, com a voz a tremer de medo:

— Que queres de mim? Deixa-me voltar para casa, para junto dos meus pais...

— Não te assustes, gentil pastora, eu não te faço mal — o captor falava-lhe junto ao ouvido, com doçura, mas ofegava um pouco como se também estivesse cansado da corrida. — Que formosa és! Como te chamas, minha bela? Poderei eu achar favor aos teus olhos?

A cada pergunta estreitava-a mais intensamente, como se a quisesse fundir no calor do seu corpo. Ao cair na cilada que ele lhe preparara, apesar do medo e da aflição, Dina apercebera-se, ao primeiro olhar, da juventude e máscula beleza do seu agressor. Agora, colada ao corpo dele como um embutido de carne, os sentidos impregnavam-se-lhe de outras impressões que a confundiam e perturbavam.

Os músculos e os tendões dos braços, que se cruzavam na sua frente e lhe rodeavam a cintura como um aro de ferro, mas ao mesmo tempo com delicada ternura, moviam-se flexíveis e poderosos sob uma pele acobreada, tão macia como a de uma mulher. Dele se desprendia um agradável odor a essências raras e a sua fala, doce e sussurrada, mostrava que não era homem do povo e sim da ordem dos senhores. Debateu-se entre os seus braços procurando soltar-se, porém o atrevido caçador não afrouxou o laço e ela voltou a suplicar-lhe:

— Pareces um homem de bem. Chamo-me Dina e sou filha de Jacob e de Lia, da tribo de Abraão. Solta-me, por tua honra! Os meus pais ficar-te-ão para sempre agradecidos.

Siquém mordiscou-lhe a orelha, mergulhando o nariz na pesada cabeleira que se soltara do véu durante a corrida e riu-se divertido, exclamando num tom de doce persuasão:

— Uma virgem tão bela como tu pode ter tudo quanto quiser! Não devo consentir que malbarates os teus encantos na enxerga malcheirosa de um pastor de ovelhas e cabras. Tu és digna do leite de um senhor de terras, como eu, formosa Dina.

Beijou-lhe a nuca, o pescoço, cada vez mais demorado, o desejo subindo como uma onda a aquecer-lhe o corpo. Os companheiros, que se mantinham juntos, a curta distância divertidos com a cena, recitaram em coro um excerto de um antigo poema, como resposta da moça à provocação do seu senhor:

Excita-te, excita-te! Abrasa-te, abrasa-te!  
Assanha-te como um veado,  
Entesa-te como um touro selvagem.  
Faz amor comigo seis vezes, como um corço,  
Sete vezes, como um veado,  
Doze vezes, como um macho de perdiz!

Faz amor comigo porque sou jovem.  
Faz amor comigo porque sou ardente.  
Faz amor comigo como um corço!

Eu, protegida pelo deus Ningirsu,  
Eu te apaziguarei.<sup>1</sup>

Ele riu-se ao ouvi-los e fez-lhes sinal para lhe trazerem o carro que o conduzira, longe de casa, aos terrenos de boa caça. Perdeu-se de novo na sedução da sua presa, com o lóbulos da orelha dela preso nos seus lábios, percorreu-o com a língua, demoradamente, como se o saboreasse, murmurando:

— O meu nome é Siquém. Sou filho de Hamor, o governador destas terras. Como vês, não podias ter caído em melhores mãos! — E repetiu: — Poderei eu achar graça aos teus olhos, minha bela Dina?

A filha de Lia movia a cabeça de um lado para o outro, a fim de escapar aos beijos cada vez mais acesos do moço caçador e tentava em vão afastar com as suas as mãos que lhe exploravam o corpo e lhe causavam um estranho sentimento, onde o medo, a vergonha e o prazer se misturavam, aquecendo-lhe o sangue e a pele como se tivesse febre.

— Não abuses de mim, porque eu não saberei viver com a minha desonra — implorou, com voz sufocada. — E os meus irmãos hão-de vingar-se da ofensa.

Siquém já não ouvia a fala suplicante da moça e muito menos escutava a voz da sua consciência, alheio a tudo o que não fosse o grito dos sentidos, feito já um aulido a latejar-lhe nas têmporas, espoletado pela proximidade do corpo feminino, cujas formas delicadas e sinuosas sentia sob os seus dedos (apesar do tecido grosseiro do traje de pastora que, todavia, não lograva esconder-lhes a perfeição), uma carne tépida e branda a retrain-se trémula, quando as suas mãos irrequietas a acariciavam, às cegas, cada vez mais atrevidas e gulosas na busca dos lugares secretos e intocados daquele corpo de menina quase mulher.

Rodou-a nos braços, de modo a ficarem frente a frente e apertou-a contra o corpo, com uma violência que a fez arquejar e soltar um gemido. Como era bela, a zagala! Siquém quase acreditava ter nos braços uma encarnação de Ishtar ou mesmo de Inanna, a mais antiga de todas as deusas do Amor celebrada pelos velhos cantores que concorriam nas festas das ceifas. A cabeça dela chegava-lhe à altura do peito e os seios pequeninos e redondos, quais frutos temporões, enterravam-se-lhe no estômago, as coxas nervosas como as de uma gazela premiam-lhe o sexo, mareando-o de desejo.

Dina via-lhe o rosto moreno, emoldurado por rebeldes madeixas de azeviche, os olhos grandes, escuros e profundos, que a olhavam com uma espécie de adoração e anelo, como ela nunca tinha visto em outros olhos. E ele cerrava-os, quando a beijava e a afagava, como se quisesse isolar-se de tudo o que os rodeava, para melhor sentir o prazer das suas carícias, o odor do seu corpo, a pele arrepiada de medo e de qualquer outra coisa indefinível que naquele momento a fazia sonhar com a festa de esponsais, nos braços do noivo escolhido pela família, mas cujo rosto e corpo eram os do apaixonado conquistador.

Sem deixar de a beijar, ele tomou-a nos braços e encaminhou-se para o carro que os criados lhe tinham trazido. Nele conduziu a preciosa presa até à cabana, onde guardava as armas e costumava pernoitar, durante as grandes caçadas, banqueteadando-se com uma corça apetitosa, acabada de abater.

Siquém desflorou Dina não com a violência e o ódio de um violador, mas com a ternura de um esposo na sua primeira noite de núpcias, cuidadoso em não assustar, nem magoar a noiva muito amada, porque, por um estranho capricho dos deuses ou da sorte imprevisível, a alma do filho primogénito de Hamor prendera-se irremediavelmente à donzela nómada desde o momento em que a perseguira no bosque. Estendido a seu lado, na rude enxerga da cabana, aconchegou-a nos braços, cheio de amor e falou-lhe ao coração:

— Não chores, minha vida, que eu juro por todos os deuses do templo de Salém, que tu serás minha esposa se, por bondade, me perdoares o que te fiz e eu puder achar graça a teus olhos.

Dina chorava em silêncio, menos pela perda da sua virgindade do que pelo tumulto de sentimentos que Siquém lhe provocara. Os beijos e as carícias das mãos dele na sua pele ainda perduravam, tal como o fogo no seu ventre, quando o sexo do violador lhe entrara pelo corpo como uma lâmina

aquecida e lhe rasgara a carne e a inocência, provocando dor e prazer, ferindo e ao mesmo tempo cicatrizando o corpo violentado.

As palavras que lhe sussurrara ao ouvido, enquanto lhe tomava a flor da virgindade, tinham a suavidade e a beleza de um cântico, adoçando a dor e a humilhação como um bálsamo e, ao ouvi-las, ela desejara no mais secreto do seu espírito que ele não se calasse nunca e a enredasse na teia das palavras que falavam de amor e desejo, de gozo e paixão, cujo sentido escapava por vezes ao seu entendimento de rapariga silvestre, embora lhes captasse a entoação e a vibração no arpejo da pele ou no despertar de uma multitude de sensações desconhecidas.

O heveu queria reparar o mal que lhe fizera, desposando-a. Amá-la-ia, então? A ela, que não passava de uma pastora ignorante e rústica, enquanto ele era um moço rico e estrangeiro à sua nação, filho primogénito de Hamor, o governador dos heveus? Como a dar-lhe resposta, Siquém inclinou-se sobre o seu corpo, tomando-a novamente como esposo e murmurando-lhe ternamente junto ao rosto:

– Amei-te no momento em que te vi. Pagarei por ti o dote mais rico da tua tribo! Falarei hoje mesmo ao meu pai e ele não me negará o seu consentimento.

Dina já não se debateu e o enamorado violador percebeu, cheio de alegria, que ganhara a partida. Agora só lhe restava convencer os pais de ambos a acordarem a sua bênção ao desejado casamento.

Jacob, em cuidados com a demora de Dina, saíra pelos campos a procurá-la e, quando as gentes do lugar lhe contaram que uma moça pastora fora raptada e violada pelo primogénito do governador, o coração apertou-se-lhe. Como os filhos estivessem ainda com o gado nas pastagens, voltou para casa e esperou pelo seu regresso, sem dizer uma palavra ao resto da família. Toda a sua progenitura tinha sido de varões, à excepção de Dina que Lia lhe dera num custoso parto, talvez por isso aquela menina fora sempre ternamente amada pelo pai e pelos irmãos, tanto mais que, sendo de índole amorosa e alma pura, lhes correspondia com igual ternura.

Mal entraram na tenda, os filhos de Jacob estranharam a ausência da irmã, pois a moça, sempre alegre e prazenteira, era a primeira a recebê-los, para lhes servir o pão, o leite e o queijo da sua frugal refeição:

– Onde está Dina, minha mãe? – perguntou Rúben.

– Onde se meteu essa preguiçosa que não nos vem saudar? – brincou Levi.

– Amanhã vai guardar ovelhas connosco, para saber o que é trabalhar – concluiu Zabulão, com uma risada.

Anunciou-lhes desgraça o súbito silêncio que pesou na tenda, mesmo entre as mulheres do pai, que nunca se calavam nas atoardas, chistes e alfinetadas que trocavam entre si, na luta pelos seus direitos de esposas. Simeão, franzindo o sobrolho com desconfiança, interrogou Jacob:

– Que se passa, meu pai? Por onde anda a nossa irmã?

Com os olhos marejados de lágrimas, Jacob contou-lhes o que tinha ouvido, procurando não prestar atenção aos choros de Lia e das companheiras. Tinham passado as últimas horas, reunidas nos fundos da tenda, loucas de inquietação por desconhcerem o paradeiro da moça e não terem logrado arrancar outra palavra ao marido, além um agastado “Mais tarde! Mais tarde!”.

– O violador há-de pagar caro o crime! – bradou Simeão, pondo a mão sobre a faca de caça, como se fizesse um juramento sagrado.

– Sim – gritou Levi, com igual fúria –, a honra da nossa irmã será vingada.

– Quem foi o violador? Sabes o seu nome?

– Dina está viva? Para onde a levaram?

Jacob, cercado pelo desespero dos filhos, mal conseguia responder:

– Diz-se que foi Siquém, o primogénito do governador dos heveus.

Como convocado por uma força superior, um servo entrou na tenda e anunciou:

– Hamor, o governador destas terras e seu filho Siquém pedem para ser recebidos por Jacob e Lia, os pais da pastora Dina.

– Como se atrevem a pôr os pés aqui, no nosso acampamento? – gritou Simeão, rompendo o pesado silêncio que voltara a cair na tenda e arrancando uma espada de dentro de um cesto de armas. – Julgará o violador que vai sair daqui com vida?

– Ou que Dina é uma pária, sem ter quem a defenda? – acrescentou Levi, imitando o movimento do irmão.

Jacob, com um gesto imperioso da mão, impediu os restantes filhos de correrem ao cesto para se armarem:

– Aquietai-vos, por ora! Vamos recebê-los e saber ao que vêm. Temos de os ouvir primeiro, antes de os julgarmos. Talvez venham oferecer uma reparação.

– Reparação? Nada pode compensar Dina da sua desonra! – protestou Simeão. – Apenas a morte do seu violador! Além disso, uma ofensa feita a uma filha tua é uma ofensa feita a Israel!

– Cala-te, já te disse! – bradou-lhe o pai, com severidade. – Se não te podes conter e manter o sangue frio, vai-te embora daqui e não os ouças. Proíbo-te que faças qualquer coisa contra estes homens que, ao entrarem no nosso acampamento, passaram a ser nossos hóspedes e, portanto, sagrados. Tratemos de os receber com toda a cortesia.

Quando o governador e a sua pequena comitiva entraram na tenda, foram acolhidos por um silêncio carregado de reprovação. Hamor sorriu com suavidade e, depois de saudar Jacob, Lia e os restantes parentes, entregou-lhes ricos presentes e falou nestes termos:

– O coração de meu filho Siquém está tão profundamente preso à vossa filha Dina que, desde esta manhã, me repete sem cessar “Dá-me esta jovem por esposa! Se não o fizeres, morrerá”. Assim, para voltar a ter sossego na minha casa, vim aqui rogar-vos, com muita amizade, que lhe concedeis a vossa formosa filha em casamento ou o meu rapaz finar-se-á de amor.

Sorria com bonomia e, se as circunstâncias tivessem sido outras, todos achariam decerto o seu pedido lisonjeiro e galante, rejubilando com a honra concedida à casa de Jacob e à sua tribo. Porém, nesse momento, já nada podia alegrar o coração dos irmãos de Dina.

– Onde está a nossa filha? – perguntou Jacob, amável, embora sem sorrir. – Por que não veio convosco?

O governador acentuou o seu sorriso prazenteiro:

– Dina achou tal graça aos olhos de minha esposa, que esta não deseja outra coisa senão chamar-lhe filha e não consegui apartar dela a vossa menina. Além disso, o meu filho temia que, se a recebêsseis de novo, talvez lha não quisésseis dar mais tarde por esposa!

Siquém ousou falar para acrescentar, com uma voz pouco segura, dominada pela ansiedade:

– Possa eu encontrar favor junto de vós e tudo o que me pedirdes eu vo-lo darei, por mais elevados que sejam o dote e os presentes. Suplico-vos apenas, por tudo quanto amais neste mundo, que me concedeis Dina por mulher.

Jacob e Lia comoveram-se com a emoção contida na voz e nas palavras do moço e sentiram-se inclinados a perdoarem-lhe a injúria feita à filha, contudo, nos olhos de Simeão e de Levi, a chama do ódio não se apagou, nem sequer se fez mais branda, pelo contrário, o desejo de vingança pareceu endurecer ainda mais o coração dos dois irmãos.

– Todavia... somos estrangeiros na vossa terra – falou Jacob, numa voz mais amável e de frente já desanuviada. – Temos outros costumes, outras leis e adoramos um único Deus.

Hamor suspirou de alívio, sentindo que conquistara a boa vontade dos parentes da moça que Siquém tão levemente raptara e violara, com o risco de desencadear uma guerra entre os dois povos, coisa que ele pretendia evitar a todo o custo, mesmo se tivesse de aceitar uma pastora como primeira esposa do seu primogénito e herdeiro. Fez, então, a sua proposta ao chefe da tribo, numa voz sincera e convincente:

– Aparentai-vos com as nossas famílias, dai-nos as vossas filhas e casai com as nossas, passando a habitar connosco. Dar-vos-emos terras e podereis ficar para sempre aqui, explorando esta região e estabelecendo-vos nela.

Era mais do que qualquer tribo de nómadas ousaria sequer sonhar! Jacob considerou aquela proposta irrecusável, pois não só saldava a dívida de honra de Dina, como oferecia um futuro risonho a todo o seu povo. Olhou para os filhos mais velhos, Ruben, Simeão, Levi e Judá, numa muda consulta, porém Simeão respondeu, disfarçando o ódio:

– Não poderemos agir assim, dando a nossa irmã a um homem incircunciso, seria uma desonra para nós! Só aceitaremos a vossa proposta se procederdes como nós, circuncidando todos os vossos varões. Então dar-vos-emos as nossas filhas e aceitaremos as vossas. Habitaremos convosco e formaremos um só povo. Se, todavia, não nos ouvirdes acerca da circuncisão, tomaremos a nossa irmã que raptastes e separar-nos-emos.

As suas palavras agradaram a Hamor e a Siquém que se retiraram, prometendo resolver o caso a contento de todos.

O governador, acompanhado do filho, foi postar-se junto à porta da cidade, na praça onde o povo se reunia e falou com os habitantes nestes termos:

— Os nómadas procedem de boa fé para connosco, mesmo depois de o meu filho os ter insultado e ofendido, sem razão. Dei-lhes permissão para habitarem nas nossas terras e as explorarem, pois a nossa nação é suficientemente vasta e rica para os receber. Tomaremos as suas filhas por esposas e dar-lhes-emos as nossas. No entanto, estes homens só com uma condição consentem habitar connosco, a fim de formarmos um só povo.

Deixou acalmar o murmúrio que percorreu a pequena multidão já reunida à sua volta para os ouvir, pois tanto Hamor como o filho eram muito considerados entre o povo siquemita. Quando ia para retomar a palavra, Siquém, com o pensamento em Dina e ansioso por a ter de novo nos braços, adiantou-se-lhe:

— Todo o varão que vive entre nós deve ser circuncidado, como eles. Foi esta a sua única exigência, para se unirem a nós como um povo. — Ouvindo o murmúrio de protesto e mesmo de troça que se levantou às suas palavras, o enamorado moço lançou mão a um argumento convincente: — Não é verdade que todos os rebanhos e todos os bens dos nómadas serão para nós? Se aceitarmos as suas condições, eles ficarão a viver connosco e, pelos laços do matrimónio, tornar-se-ão nossos parentes.

Mais algumas reuniões com os habitantes da cidade e os discursos cada vez mais inflamados de Siquém, a que o desejo por Dina, exacerbado pela espera, emprestava uma eloquência profética, acabaram por convencer os siquemitas a cederem à exigência dos nómadas, aceitação a que também não haviam sido alheias a riqueza dos rebanhos e a beleza das virgens da tribo de Jacob.

Dina preparava-se para os seus esposais e Siquém mal podia esperar pela cerimónia da sua circuncisão que lhe daria o direito à posse da formosa moça cujo corpo, que tivera nos braços por escassas horas, lhe povoava o sono de sonhos húmidos de suor e sémen. Fazia-lhe a corte como se ela fosse uma princesa e pagava no templo para que lhe cantassem os cânticos de amor das antigas sacerdotisas, nos seus casamentos rituais com os príncipes daquelas terras:

Ó meu amado, noivo do meu coração  
O prazer que me dás tem a doçura do mel!  
Ó meu leão, noivo do meu coração  
O prazer que me dás tem a doçura do mel!

Conquistaste-me! Tremo diante de ti, meu leão,  
E desejo que me leves para o leito.  
Meu amado, deixa-me acariciar-te,  
Meu doce amor, quero provar os teus deleites!

A minha amorosa carícia  
É mais deliciosa do que o mel.  
No quarto o mel corre.  
Quero fruir da tua sedutora beleza.  
Leão, deixa-me acariciar-te,  
Os meus doces afagos  
São mais deleitosos do que o mel.

Amado, de mim tomaste o teu prazer,  
Di-lo à minha mãe, ela te fará gentilezas,  
E o meu pai te dará presentes.  
O teu espírito, eu sei onde divertir o teu espírito,  
Noivo, dorme na nossa casa até ao amanhecer,

O teu coração, eu sei onde alegrar o teu coração,  
Leão, dorme na nossa casa até ao amanhecer.<sup>2</sup>

Dina, que há muito lhe perdoara o susto e a vergonha, revivia a cada palavra do estranho canto as emoções ancestrais que as mulheres transportam, sem o saber, no mais recôndito do seu ser, desde o princípio de todos os tempos, à espera de um sopro de magia que as desperte e as solte num torvelinho de divinas sensações.

Assim, o mohel especialista da circuncisão e vários homens experientes da casa de Jacob, se encarregaram de circuncidar todos os varões siquemitas que viam (com grande apreensão e já arrependidos de terem dado ouvidos às palavras entusiastas de Siquém) como aqueles nómadas de unhas encardidas lhes tomavam o sexo, afastavam a pele que lhe cobria a glande e lhes cortavam o prepúcio. Enquanto abafavam os gemidos, a desconfiança e o medo, ouviam o estrangeiro investido de mais autoridade pronunciar uma espécie de juramento religioso a que chamava o “Pacto de Abraão”:

— Eis o pacto estabelecido entre Mim e vós, que tereis de respeitar: todo o homem, entre vós, será circuncidado. Circuncidareis a carne do vosso prepúcio e este será o sinal do pacto entre Mim e vós.

No terceiro dia, após a cirurgia, os siquemitas sofriam dores violentas, raro sendo aquele que não tinha o pénis vermelho de inflamação e cheio de crostas amarelas. Além do sofrimento, da humilhação dos tratamentos em sítio tão vergonhoso e secreto, eram forçados a sofrer os chistes e as recriminações das mulheres que não lhes perdoavam o terem-se sujeitado a tais sevícias, só para poderem receber no leito aquelas nómadas semi-selvagens e imundas, a cheirarem a bedum de bode.

— Não me espantarei se o povo siquemita se extinguir, depois de os seus varões terem sido transformados em eunucos, às mãos dos feiticeiros nómadas! Tão infando trato pode, certamente, fazer um homem impotente!

— Com aquele órgão sem nenhuma protecção, até nos podem ferir ou causar outros danos ao nosso corpo.

— Que desvario os levou a sujeitarem-se a tais sevícias? Fazem este despropósito por mor das nómadas e ainda somos nós que temos de cuidar deles? Era só o que faltava!

— Até podem morrer! Há já três dias que ardem com uma febre que nem tisanas ou suadouros conseguem fazer baixar.

— Que Astarte, a deusa da fecundidade, nos valha! Ora o que haviam estes homens de se de lembrar de fazer!

Simeão e Levi tinham trabalhado bem, naqueles dias, envenenando com palavras de ódio a disposição dos restantes irmãos para aceitarem a reparação oferecida à tribo por Hamor e Siquém.

— De que nos serve agora a vingança? – contrariara-os Rúben, o primogénito, bastante inclinado a perdoar faltas de amor, atendendo a que se consumia de paixão pela gentil Bilha, a concubina dada por Raquel a Jacob, a fim de compensar a sua esterilidade. – Até Dina parece ter perdoado ao seu algoz e estar mesmo desejosa de se casar com ele!

O rosto de Simeão contorcera-se de rancor e parecera morder as palavras ao ripostar:

– Que outra coisa pode a nossa irmã esperar, se o heveu fez dela uma puta?

Os irmãos mais novos baixaram as cabeças sob o peso da vergonha e acenaram em concordância, quando Levi acrescentara, empunhando a sua espada:

– Uma desonra destas só se lava com o sangue de quem a praticou e não com festas e himeneus. O opróbrio não é só de Dina, é de todos nós e do nosso povo. Não podemos deixar tão tremenda culpa sem castigo.

Finalmente Rúben deixara-se convencer e Simeão avisara:

– O nosso pai não pode sequer desconfiar do que vamos fazer, por isso os nossos homens fiéis e todos os servos que nos acompanharem só devem ser instruídos da nossa empresa, mesmo às portas da cidade, quando já não for possível voltar atrás.

– Diremos às nossas gentes que descobrimos uma traição de Siquém e dos siquemitas – acrescentara Gad, o filho mais velho da concubina Zilpa. – Uma conspiração para nos matarem antes do casamento, a fim de se apoderarem dos nossos rebanhos e das nossas mulheres...

Simeão interrompera-o, satisfeito pela ajuda:

– ... e, por isso, temos de lhes tirar a vida, antes que eles o façam a nós! Que melhor ocasião do que esta, quando estão a recuperar da circuncisão?

Levi soltara uma risada maldosa:

– Assim, se morrerem depois de terem feito o “Pacto de Abraão”, até pode ser que Deus se compadeça das suas almas e os receba no Paraíso, apesar de gentios!

Nessa noite tomaram as armas e dirigiram-se em pequenos grupos para Salém, onde penetraram sem dificuldade, pois Hamor dera ordens para os nómadas serem recebidos como hóspedes, bem-vindos a qualquer momento, por todos os habitantes da sua bela cidade.

Os grupos armados, chefiados pelos filhos de Jacob, reuniram-se no local aprazado com outros parentes sedentos de vingança, formando um pequeno exército que se lançou à caça dos siquemitas, invadindo-lhes as casas como uma horda imparável, matando os indefesos varões nos seus leitos, onde ardiam em febre incapazes de se defender.

Numa sala da casa de Hamor, enquanto faziam vigília para cuidar dos doentes, as mulheres entretinham-se com os preparativos para a cerimónia do matrimónio do seu primogénito. Hamolequet, a mãe de Siquém, tinha adoptado Dina como uma filha muito querida e as virgens da família ensinavam-lhe os costumes e as crenças da terra, as suas canções e rezas de amor. Suaa, de grandes olhos negros, cantou em sua intenção:

Ela não casará com o pastor,  
Ele não a vestirá com um novo traje,  
A sua fina lã não a cobrirá,  
A virgem casará com o lavrador,  
O lavrador que faz nascer as plantas  
O lavrador que faz crescer as sementes.

A filha de Jacob sorriu enleada, feliz pelo carinho que recebia daquela gente tão nobre e tão rica, cujo luxo a esmagava, habituada como sempre fora à vida frugal e sem conforto, por vezes quase miserável, dos seus acampamentos. Husin, cheia de ciúmes por Siquém a ter substituído pela rude pastora estrangeira, cantou por sua vez, com a bela voz vibrando cheia de intenção:

Não, ela não o ama!  
Que Ishtar-a-Rainha a humilhe  
E que, como eu, ela perca o sono,  
Com noites perturbadoras e terríveis!  
Sim, eu abraçarei o meu amado,  
Cobri-lo-ei de beijos  
E não cessarei de lhe consumir os olhos.  
Assim, vencerei a minha rival,  
Assim, reencontrarei o meu bem-ama...

— Husin! — interrompeu-a Hamolequet, com um grito enérgico e severo. — Como te atreves? Retira-te da nossa presença, pois envergonhaste a tua família!

A moça fugiu, a chorar, ante a mágoa de Dina.

— Minha mãe — rogou Sárvia, forçando um sorriso malicioso, como se nada de estranho tivesse acontecido, a fim de romper o pesado silêncio que caíra na sala —, ensina à nossa irmã Dina uma prece para que Siquém e ela nunca se cansem de “rir”.

Um coro de risos abafados, ao qual se juntou o da nobre senhora, mostrou à nómada o que significava para as heveias “rir com um homem”.

— Traz-me uma maçã ou uma romã, Aminadabb, pois esses são os frutos preferidos de Ishtar, a deusa do Amor — ordenou Hamolequet a uma das suas sobrinhas, quando as risadas acalmaram e as moças, incluindo a noiva, limpavam os olhos molhados de lágrimas.

Aminadabb partiu a correr, para voltar de imediato com uma cesta cheia de romãs e maçãs, bradando com uma gargalhada brejeira:

— Trago um bom número delas, para a prece ter mais força!

— Basta uma — sossegou-a, rindo, a tia — que esta reza é muito poderosa. Dina, debes recitá-la três vezes sobre o fruto e depois comê-lo. Ora repete comigo: “A mais bela de entre as mulheres inventou o Amor! Ishtar, que se deleitou com maçãs e romãs, criou o Desejo. Sobe e desce, pedra-do-amor. Entra em acção para meu prazer! É Ishtar quem deve presidir à nossa união.”

Dina preparava-se para repetir a oração, quando os irmãos irromperam pela casa de armas em punho. Simeão e Levi passaram a fio de espada Hamor e Siquém, apesar das súplicas e do pranto inconsolável da moça que os irmãos arrastaram da casa do governador, chamando-lhe “meretriz, mulher perdida e sem vergonha que defendia contra a família aquele que a havia desonrado”, chegando mesmo a ameaçá-la de morte, se acaso não cessasse as suas lamúrias pelo castigo do violador.

Os filhos de Jacob e os seus seguidores massacraram todos os varões siquemitas e também a gente idosa, homens e mulheres, despojaram os cadáveres das suas roupas e jóias, saqueando a cidade. Apossaram-se do gado miúdo e graúdo, dos jumentos e do que estava na urbe e nos campos, levando

tudo o que havia de valor nas casas dos heveus, não só os seus bens, como também os filhos e as mulheres jovens, para escravos e concubinas. Feito isto, incendiaram a cidade, a fim de a apagar da face da terra.

---

\* Esse conto faz parte de *O romance da Bíblia*, publicado pela Editora Ésquilo, em Lisboa, 2010 (reedição, revista e comentada, num só volume, de *Contos eróticos do Velho Testamento* e de *Novos Contos eróticos do Velho Testamento*, publicados pela Editora Livros Horizonte em 2004).

\*\* **Deana Barroqueiro** nasceu nos Estados Unidos e aos dois anos mudou-se para Lisboa, onde passou a viver com dupla nacionalidade. Professora de Língua e Literatura Portuguesa e Literatura Francesa. Publicou, dentre outros títulos, *D. Sebastião e o vidente*, 2006; *O navegador da passagem*, 2008; *O espião de D. João II*, 2009.

## Notas

---

<sup>1</sup> Adaptado de um poema sumério. Cf. *Tudo começa na Babilónia*, de Jean Bottéro (“Amor e Sexualidade no Ocidente”).

<sup>2</sup> Excerto (adaptado) de um poema sumério. Cf. *A História começa na Suméria*.